

No corpo e na paisagem, o que resta é o pó

— Henrique Detomi

Texto: Allan Yzumizawa

A paisagem não começa onde termina a pele. Começa antes: na respiração que encontra o ar úmido da gruta, nos pés que sentem a textura da terra, nos olhos que ardem com a luz ofuscante do sol. Henrique Detomi produz como quem escuta a paisagem de corpo inteiro, como quem sabe que ela não é um simples objeto apartado de nós, mas uma imensidão que se carrega na carne e se mistura com o seu ponto de fuga.

Nascido em Minas Gerais, Detomi é atravessado pela experiência ambígua na qual a paisagem se apresenta como bela, ao mesmo tempo em que é inevitável observar as cicatrizes violentas deixadas pela mineração. Ambas coexistem no mesmo horizonte. As montanhas que desenham o céu são as mesmas que escorrem pelos caminhões, transformadas em pó, em ferro, em ouro, em lucro. Todo fluxo vivido pelo artista se transforma em munição para desdobramentos que criam dialéticas mais complexas do que um puro pessimismo em relação ao seu local de nascimento. Em sua trajetória artística, sua pesquisa explora aspectos da relação humana com a paisagem, distanciando-se de uma perspectiva hegemônica e apontando para reflexões mais potentes.

Na série *Minutos antes do fim*, Detomi elabora, por meio da pintura a óleo, um processo de construção da paisagem a partir de camadas grossas de tinta, onde a textura e a superfície de representação são levados ao limite da exploração poética. Entretanto, sempre nos deparamos com a presença de um vazio. A partir da inserção de máscaras sobre o suporte de pintura, o artista retira camadas de tinta, de forma a presentificar um vazio orgânico.

Esses aspectos ficam mais evidentes na série *Extravio ou do Ouro ao Pó*, em que o tema da mineração é ainda mais presente. O artista dá continuidade à sua técnica, sendo mais incisivo no que diz respeito à presença do suporte. Detomi elege materiais como ferro e pedra para se utilizar como superfície de pintura. Os espaços vazios ganham uma dimensão maior, e as pinceladas mais contidas geram uma sugestão de paisagem que cumpre com uma presença estranha – no limiar da abstração.

A abdicação progressiva da representação natural da paisagem vai ganhando força durante o percurso de pesquisa do artista, a ponto de suas imagens se distanciarem cada vez mais de uma paisagem tradicional. Mesmo assim, nos dão a luz para entender que a noção de espaço e paisagem não pode andar de maneira externa e apartada da espécie humana, e que muitas vezes ela pode estar presente dentro da gente.

Esses assuntos se tornam ainda mais recorrentes a partir da série *Vertigem*, culminando, por fim, em *Imerso até os olhos, escuto o silêncio da terra*. Em *Vertigem*, aproximamo-nos da linguagem do desenho, por se tratar de imagens monocromáticas feitas, sobretudo, com bastão a óleo. O buraco, que advém da retirada de terra de sua superfície, é construído pelo oposto: pelo excesso de tinta preta a óleo. O fato de a superfície ser grande garante a possibilidade de o artista explorar a gestualidade do seu corpo. Nesse caso, a paisagem ganha, aos poucos, expressividade humana, sobretudo quando evocamos os elementos simbólicos do que pode significar o buraco – desde fundos abissais até a própria mente. Na série *Imerso até os olhos, escuto o silêncio da terra*, Henrique se adentra novamente na pintura, porém gerando uma imagem completamente distinta de suas outras pesquisas. Retomando o buraco simbólico presente em seus desenhos, Detomi associa este elemento às representações de grutas e cavernas. O buraco, entretanto, possui um excesso de camada de tinta preta, de modo que avança sobre a superfície de pintura. Isso causa uma ilusão e uma desorientação da perspectiva, cuja parte mais funda ou distante se aproxima de nós, ao se adiantar na materialidade da tinta. Essa desorientação cria uma imagem complexa, que nos permite imergir no buraco ao mesmo tempo em que somos convidados a tocá-lo. Novamente a paisagem da caverna dilui a perspectiva de espaço a ser ocupado pelo humano e ganha uma dimensão quase de espelho, permitindo-nos adentrar o buraco, e esse movimento ganha uma simbologia espelhada: adentramos em nós mesmos.

ZIPPERGALERIA

No corpo e na paisagem, o que resta é o pó nos provoca a refletir que tudo é permeável e transbordante. O pó, esse fragmento ínfimo, está em todo lugar: contamina os poros do mundo, turva a visão, fragmenta a paisagem de tal modo que a separação entre ela e o humano se torna não apenas difícil, mas definitivamente impossibilitada. Os pequenos fragmentos nos fazem lembrar de que somos feitos da mesma coisa, ampliam o horizonte e nos colocam imersos e atravessados pelo mundo.